

# Apresentação

Como tem sido de meu feitio, ponho na mão do leitor uma coletânea de textos. Acho que foi quando escrevia minha tese de doutoramento que descobri que eu podia com alguma facilidade redigir – no prazo de que então se dispunha – cerca de 10 a 15 ensaios sobre diversas facetas de um tema, mas não conseguiria mais escrever 200 ou 300 páginas “seguidas” sobre qualquer um deles – o que tinha feito no mestrado. Assim, digo que prefiro, mas o fato é que só sei fazer textos curtos (e alguns dirão que nem isso).

Outra razão para proceder assim é que o ensaio é meu gênero favorito. De preferência num tom que chamaria de jornalístico, se isso não provocasse reações de jornalistas que poderiam dizer que estou bem enganado se acho que meus textos têm seu tom e que, se quero que o tenham, vou ter que praticar muito (ia escrever grammar ou pastar, mas evito possíveis derivas de interpretação). Meu maior troféu, no quesito, foi ter um artigo recusado por seu estilo, qualificado de jornalístico pelo parecerista. Outros dirão que cito autores demais para o estilo jornalístico, embora eu tente reduzir os autores citados ao mínimo possível. E que ainda não consegui evitar totalmente as notas, que muitos consideram o suprassumo da chatice acadêmica (aliás, a mania de caracterizar textos trabalhosos como portadores de “chatice acadêmica” tem muito de preguiça intelectual).

O leitor que decidir encarar este volume verá que é bastante irregular. A ordenação dos textos tenta dar a seu conteúdo certa coerência – mas quem disse que os leitores seguem a ordem dos textos em livros assim? Só os que imaginam que ler sem seguir a ordem do volume é fruto de uma suposta revolução hipertextual. Só eles ainda pensam que leitores leem livros do começo ao fim (embora o façam eventualmente, mas isso tem muito mais a ver com o gênero do que com a ausência de hipertextualidade).

Deixar lacunas é da natureza das coletâneas. Quem quisesse evitá-las escreveria um livro, um tratado com começo, meio e fim, tentando cobrir

todos os aspectos de seu tema. Mas, se não fosse muito louco ou totalmente pretensioso, o autor logo perceberia (se não, seus leitores o fariam) que quase tudo ficou por ser dito. Creio que posso, assim, invocar uma tese poderosa, a da incompletude de qualquer texto, de qualquer obra, para justificar tanto o tipo de trabalho que faço – pequenos ensaios – quanto o tipo de livro que apresento – uma coletânea deles.

No entanto, curiosa e paradoxalmente, parece que tudo já foi dito. A sensação é quase a mesma em qualquer campo, mas é lendo sobre humor que parece absolutamente verdadeira uma passagem do *Discurso do método*, na qual Descartes diz que aprendeu desde o colégio que nada se poderia imaginar tão estranho e tão pouco crível que algum dos filósofos já não houvesse dito. Tenho essa sensação cada vez que leio um livro ou artigo “novo” sobre humor. Tive a confirmação mais recente lendo um texto de Quintiliano (*De risu*, em *Institutio oratoria*,<sup>1</sup> porque estão lá quase todas as teses sobre o que deve ocorrer num texto para que ele provoque o riso e quais são as situações em que ele funciona ou não. Por exemplo: “Assim, o que não é dito fica subentendido; a essência de toda frase risível está nisto: dizê-la em um modo diverso do lógico e do verdadeiro”.

Além disso, as piadas que ele cita funcionam perfeitamente hoje (eu morri de rir lendo a tradução), para surpresa, imagino, dos que defendem que o humor é cultural. Se fosse, o dos romanos deveria ser bem diferente do nosso, e não acharíamos a menor graça em suas tiradas. Mas não é o que acontece. Exemplos: a) “Foi o que fez um sujeito que, interrogado sobre o que pensava acerca de um outro que tinha sido flagrado em adultério, disse: ‘Acho que ele foi muito lerdo’”; b) “Segundo Cícero, foi dito para um homem que lamentava o fato de a esposa ter se enforcado em uma figueira: ‘Por favor, me dê uma muda dessa árvore para plantar’”; c) “... e como perguntasse sem parar quando Clódio tinha sido morto, Cícero respondeu: ‘Foi tarde!’”; d) “Assim como fez Gaio César quando Pompônio exibia uma ferida no rosto obtida na revolta de Sulpício e vangloriava-se de tê-la sofrido enquanto lutava em defesa de César: ‘Nunca olhe para trás enquanto foge’”; e) “Como fez Cícero quando disse àqueles que o incriminavam por ter se casado com Publília (uma virgem) sendo já um sexagenário: ‘Amanhã cedo ela será uma mulher’”.

Desejo ao leitor que se divirta um pouco, e por razões diversas. Espero que a expressão “prazer intelectual” não seja apenas *flatus vocis* e que os textos que se seguem o produzam vez ou outra. Mas me dispenso de informar previamente do que trata cada um deles, como se me coubesse sugerir a cada

leitor um caminho para que não se perca ou para que seu eventual prazer seja facilitado. Se quiser descer a montanha, que a suba antes.

\* \* \*

Os textos incluídos neste livro têm histórias um pouco diferentes. Para todos vale a informação de que foram alterados, ou pelo menos adaptados, uns mais que outros, para esta edição.

“Rindo do descobrimento do Brasil” foi publicado em: BARROS, Diana Luz Pessoa de (org.). *Os discursos do descobrimento: quinhentos mais anos de discursos*. São Paulo: Fapesp/Edusp, 2000.

“Humor e acontecimento” foi apresentado no v Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística, em Belo Horizonte, em 2007. Uma versão saiu em *Haciendo discurso. Homenaje a Adriana Bolívar*, organizado por M. Shiro, P. Bentivoglio e F. D. Erlich, publicado pela Universidad Central de Venezuela.

“Estereótipos e identidade: o caso nas piadas” foi publicado na revista *Gragoatá*, 11, Niterói, Eduf, em 2002, e no mesmo ano saiu em meu *Os limites do discurso*, Curitiba, Criar Edições, do qual deixou de constar na segunda edição, desta vez da Parábola Editorial.

“Humor e imaginário sobre línguas” teve uma versão apresentada no xv Congresso Internacional de la Alfal (Montevideu) e publicada em CD-ROM em 2008. Em 2009, versão similar foi apresentada no 53º Congresso Internacional de Americanistas, na Cidade do México.

“Humor e língua: relendo idiomatismos” teve uma versão mais sumária apresentada no 56º Seminário do GEL, realizado em São José do Rio Preto, em 2008.

“O humor, as palavras e as coisas” foi apresentado no 55º Seminário do GEL, em 2007, e publicado em *Intersecções, Revista de Estudos sobre Práticas Discursivas e Textuais*, 3(1), jan./jun. 2010, publicação do Centro Universitário Padre Anchieta.

“As mesmas fantasias” foi publicado em *Estudos linguísticos*, xxxii, Anais do Seminário do GEL em 2004, o que significa que foi apresentado no Seminário do GEL de 2003.

“Duplo sentido em dois gêneros populares: eles só pensam naquilo” estará no volume *A (des)ordem do discurso*, organizado por Nilton Milanez e Nádea Regina Gaspar, da editora Contexto.

“Ler uma piada” foi publicado em: MARI, H., WALTY, I.; FONSECA, M. N. S. (orgs.). *Ensaio sobre leitura*, 2. Belo Horizonte: PUC Minas, 2007.

## 10 Humor, língua e discurso

“Histórias cômicas em suporte eletrônico” foi apresentado no 52º Seminário do GEL em 2004 e reapresentado no II Encontro Nacional sobre Hipertexto, em Fortaleza, em 2007.

“O que faz rir, afinal?” teve um esboço apresentado no 51º Seminário do GEL, em 2003.

“Fórmulas e humor: aforismos” foi apresentado no 57º Seminário do GEL em 2009.

“O humor é universal” teve uma versão apresentada II Coloquio Argentino de la Iada – International Association for Dialogue Analysis, em La Plata (Argentina), em 2005, e outra versão apresentada no First International Conference on Crosscultural Humour: humour that divides, humour that unites, em Funchal (Ilha da Madeira), em 2008. Foi publicado em *Filologia e linguística portuguesa*, 9, São Paulo, FFLCH/USP, em 2008.

“Explicar piadas, Freud explica: matar a cobra e mostrar o pau” foi publicado em *Polifonia*, 12(1), Cuiabá, UFMT, em 2006.

“É um campo: um programa” foi redigido mais ou menos em cima da hora para este volume.

Agradeço a quem fez o minucioso trabalho de revisão. A primeira reação dos autores diante da quantidade de anotações que “estranhos” fazem em seu texto nunca é muito boa. Mas, aos poucos, olhando as coisas de perto, eles se dão conta da quantidade de fiascos que são evitados pelo olhar atento desses profissionais que, com muita frequência, conseguem evitar que o diabo continue morando na tipografia.

Campinas, março de 2010.

*Sírio Possenti*

## Nota

<sup>1</sup> Dados extraídos da tradução do referido texto, parte da tese de doutoramento de Charlene Miotti, “*Ridentem dicere uerum*: o humor retórico de Quintiliano e seu diálogo com Cícero, Catulo e Horácio”, defendida recentemente no Departamento de Linguística da Unicamp.